

A VIDA EM COMUNIDADE

Canudos e o Quilombo de Kaonge



Parque Estadual de Canudos 24/07/2025

Este relatório narra minha experiência em dois lugares do interior da Bahia: o Parque Estadual de Canudos e o Quilombo de Kaonge. A viagem começou com nossa chegada ao município de Canudos, nas primeiras horas da manhã. Fomos diretamente para a FLICAN (Feira Literária Internacional de Canudos), onde participamos de uma programação diversificada que incluiu exposições sobre o Sertão, palestras sobre história, literatura, fotografia, além de apresentações de artesanato local. A feira estava muito bem organizada e nos ofereceu uma imersão rica na cultura sertaneja.

Antes da visita ao Parque Estadual, assistimos ao filme *A Guerra de Canudos*, que contextualiza o massacre ocorrido no arraial de Canudos no final do século XIX. O filme serviu como introdução para compreendermos melhor os eventos históricos e o significado simbólico do lugar.

Após o almoço, seguimos para o Parque Estadual de Canudos, onde fomos recebidos por uma paisagem de tons terrosos, típica da caatinga. Apesar da fama de região árida, encontramos uma lagoa no local, e a paisagem estava menos seca do que imaginávamos, contrariando imagens veiculadas frequentemente na literatura e no cinema.

O momento mais impactante foi a declamação de um poema pelo poeta José Américo Amorim, realizada no solo de seus antepassados. Ao lado

dele traduzindo ao alemão, estava o professor de literatura Christopher Laferl, organizador da excursão. No poema, Amorim narrou histórias do Arraial de Canudos transmitidas oralmente por seus antepassados — relatos que não costumam aparecer nos livros de história. Diferente da abordagem do filme, seu discurso ressaltou os valores comunitários e humanos do povo de Canudos, como a solidariedade, a resistência e o cuidado com o próximo: “Não precisa de palavras bonitas para defender Canudos (...) Um pequeno gesto, como acolher alguém tremendo de frio, já o torna um conselheirista.”

Para ele, o principal legado da comunidade era o serviço ao próximo, como forma de vida. O poeta também compartilhou reflexões sobre a repressão sofrida por Canudos, afirmando que sua proposta de uma economia autossustentável e independente contrariava os interesses dos fazendeiros e da elite republicana. Ele estimou que cerca de 25 mil pessoas viviam na comunidade, sustentando-se com produção própria de alimentos como cana-de-açúcar, mandioca e legumes. O medo das elites diante dessa organização coletiva levou ao massacre, já que a existência de Canudos representava uma ameaça à exploração tradicional da mão de obra local.



Parque Estadual de Canudos 24/07/2025

Ainda no parque, vimos o cruzeiro, doado em 1945 por Vó Isabel erguido em homenagem os que morreram na luta e na resistência em Canudos. Também observamos vários mandacarus, cactos típicos da caatinga.

Em outra etapa da viagem, visitamos o Quilombo de Kaonge, localizado no Recôncavo Baiano e

integrante de uma rota de 18 quilombos da região. A visita foi guiada pelos próprios moradores, o que tornou a experiência ainda mais significativa.

Logo ao chegar, fomos recebidos pela pessoa mais idosa da comunidade, dona Vardê— uma mulher de cerca de 100 anos, que, com impressionante vitalidade, ainda prepara xaropes medicinais com plantas da mata. Tivemos a oportunidade de provar o xarope, utilizado para aliviar dores de garganta. Em seguida, acompanhamos o processo artesanal de produção do óleo de dendê, desde a retirada das fibras das sementes até a finalização do produto. Alguns de nós participaram ativamente dessa atividade. Também vimos o processamento da mandioca. Ambos os alimentos, o dendê e a mandioca são aproveitados de forma integral, resultando em diferentes produtos, tanto para o consumo da comunidade quanto para a comercialização.

Um dos líderes locais nos explicou um projeto recente envolvendo o cultivo e uso de ostras, que tem fortalecido a economia da comunidade de forma justa e sustentável. O que mais me chamou atenção foi o sentimento de coletividade: todos tinham funções claras e colaboravam, não apenas na agricultura, mas também na preservação e divulgação da cultura quilombola. Durante a visita, moradores tocaram instrumentos, cantaram e dançaram conosco. As crianças também participaram das apresentações, o que tornou a experiência ainda mais rica e acolhedora.



Quilombo de Kaonge 19/07/2025

Escolhi reunir essas duas experiências — Canudos e o Quilombo de Kaonge — porque ambas representam formas sustentáveis e coletivas de vida em comunidade, conectadas com a natureza, com os saberes ancestrais e com valores de solidariedade. Não se trata de grupos que se afastam da sociedade por não quererem trabalhar. Muito pelo contrário: são comunidades ativas, produtivas, conscientes de seu papel histórico e cultural. Produzem seus alimentos, seus produtos, sua arte. Vi ali um modo de vida em que não há hierarquia rígida, e a desigualdade de gênero parece ser menor, já que muitas mulheres lideram projetos, estão envolvidas na economia e na educação comunitária.

Falo a partir da minha experiência direta, do que observei, vivi e continuei acompanhando por meio de vídeos no YouTube e redes sociais da comunidade. É claro que não posso afirmar como é a vida de cada indivíduo, mas há algo que me parece evidente: em Canudos, no passado, e nos quilombos do Recôncavo Baiano, no presente, há um forte senso de pertencimento e dignidade. Crianças, adultos e idosos parecem saber que têm valor dentro da comunidade. O individualismo, se existe, é muito menor que nas grandes cidades. Essas experiências me fizeram repensar o que significa viver em sociedade e o que é realmente essencial para uma vida digna e solidária.